



ERICO VERISSIMO E THOMAS MANN: MOVIMENTAÇÕES DISCURSIVAS

Fernanda Boarin Boechat

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Em diálogo com a ideia de intelectual autônomo que age em prol de princípios universais, discutiremos aqui o encontro de Erico Verissimo e Thomas Mann apresentado na obra *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), em que o escritor brasileiro narra sua primeira estadia nos Estados Unidos a partir do convite do Estado norte-americano para integrar ações da Política de Boa Vizinhança com a América Latina.

Palavras-Chave: Erico Verissimo; Thomas Mann; intelectual; Política de Boa Vizinhança.

Abstract: In dialogue with the idea of an autonomous intellectual who acts in favor of universal principles, we will discuss here the meeting between Erico Verissimo and Thomas Mann presented in the work *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), in which the Brazilian writer narrates his first stay in the United States following an invitation from the North American government to join the Good Neighbor Policy with Latin America.

Keywords: Erico Verissimo; Thomas Mann; intellectual; Good Neighbor Policy.

Introdução

A atuação de escritores como intelectuais no espaço público pode ser identificada em diversos momentos da história e localidades do globo. A figura do intelectual fruto da modernidade – que se molda em especial na França a partir da segunda metade do século XIX, a exemplo dos escritores Charles Baudelaire¹ e posteriormente bem representada por Émile Zola e sua atuação no caso Dreyfus – ganha força ao longo do século XX, sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial e nas configurações políticas que daí decorrem.

No presente artigo, discorreremos sobre essa ação do intelectual vinculada ao trabalho artístico do escritor a partir da atuação de Erico Verissimo na Política de Boa Vizinhança norte-americana (1933-1945), ou *Good Neighbor Policy*, com a América Latina e o encontro com Thomas Mann narrado na obra *Gato Preto em Campo de Neve*, publicada em 1941 logo após a estadia de três meses de Erico nos Estados Unidos².

Os pontos

Em um contexto ordinário, a ideia de intelectual pode se aproximar mais de um ponto deslocado, distante da vida comum, ou ainda situada talvez no campo da erudição, naquele ponto bem lá no alto da torre de marfim. Todavia, agora nos aproximando da ideia de intelectual de que fala Edward Said (2005, p. 12), podemos identificá-la como uma “tentativa de aderir a um padrão universal [...] [como] a interação entre a

¹ “[...] [e]m certo sentido, o “heroísmo” de Baudelaire soa como a incitação à crítica, ao desassossego, à participação da vida mundana, da vida na ágora, no espaço público. Se não remete diretamente à premissa que define ‘intelectual’ como aquele que ocupa o espaço público na defesa de certos valores, ao menos cria um *background* que fundamenta essa premissa. Ou seja, desde Baudelaire, passando pelas gerações de poetas simbolistas, temos a gestação de um novo papel a ser exercido no espaço público. Um papel de *flâneur*, contemplativo, mas também crítico por excelência.” (Neundorff, 2013, p. 187).

² O presente artigo faz referência e é também a continuidade de parte de minha pesquisa de doutorado (Boechat, 2017), cujos resultados foram apresentados em agosto de 2017 na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A respeito do encontro de Erico Verissimo e Thomas Mann, cabe acrescentar que minha pesquisa dialoga com as primeiras investigações sobre o assunto realizadas pelos pesquisadores Sibeles Paulino e Paulo Astor Soethe (Paulino; Soethe, 2009).

universalidade e o local, o subjetivo, o aqui e agora.” A partir dessa noção de universal, portanto, que presume também interação e presença, poderiam ser, a ciência abstrata e a especialização ligada ao formalismo técnico, domesticadoras. É preciso observar, contudo, que tal ideia de universal, aqui ainda em diálogo com Said, não deve ser confundida com fórmulas que moldam o *status quo* em detrimento do esclarecimento que prevê a emancipação. Assim, a “universalidade significa correr um risco no sentido de ir além das certezas fáceis que nos são dadas pela nossa formação, língua e nacionalidade, que tão frequentemente nos escudam da realidade dos outros” (Said, 2005, p. 13).

Se “a política está em toda parte” (Said, 2005, p. 34), o artista, aqui o escritor, ao publicar a sua obra, passa a agir também nessa esfera pública por meio da obra. Também graças à obra, ele pode vir a ocupar um espaço nessa esfera pública que lhe permita assumir a referida figura de intelectual, cuja postura afasta-se da subserviência e das bajulações, e busca incessantemente independência e emancipação, o distanciamento da “rede esmagadoramente poderosa de autoridades sociais” (id., p. 16).

Sob a luz desse intelectual presente e ativo na esfera pública, localizamos Erico Verissimo e Thomas Mann no encontro narrado em *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), a primeira narrativa de viagem publicada pelo escritor brasileiro.

As pontes

Nos anos 1940, Erico já havia ganhado notoriedade em território brasileiro e internacional, em especial graças ao vínculo com a então Editora da Livraria do Globo³ em que atuava como editor⁴, tradutor de língua inglesa⁵, conselheiro literário⁶ e

³ Sérgio Miceli (2001, p. 151-157) aponta a Editora Globo no início dos anos 1940 como a segunda editora brasileira, atrás apenas da Companhia Editora Nacional e seguida da Editora José Olympio. Dentre as categorias apontadas por Miceli, a Editora Globo, entre os anos 1938 e 1943, era a editora que mais publicava as seguintes categorias: ficção, variedades e obras militares.

⁴ Erico Verissimo inicia seu trabalho na Editora Globo em 1931 como editor da então *Revista do Globo*. Nessa função, ele permanece até 1939.

⁵ Em 1931, Erico Verissimo já havia publicado pela Editora Globo sua primeira tradução: *O Sineiro* do romancista inglês Edgar Wallace.

⁶ Erico Verissimo assume a função de conselheiro literário a partir de 1938 na Editora Globo, o que lhe permite atuar de forma intensa como agente cultural no Brasil, dada a importância que a editora já tinha em território nacional.

escritor⁷. É nesse momento da carreira que Erico recebe “pelo Natal de 1940”⁸ o convite oficial do Departamento do Estado norte-americano assinado por Mr. Cordell Hull para a estadia de 3 meses no país⁹.

A notícia da agenda política de Erico Verissimo nos Estados Unidos foi recebida com entusiasmo no Brasil, a exemplo da conferência “Viagem através da literatura americana” (Verissimo, 1941) pronunciada pelo escritor no Rio de Janeiro na Associação Brasileira de Imprensa no dia 4 de janeiro de 1941 a um público de por volta de 2 mil pessoas. Após somente quatro dias, em 8 de janeiro de 1941, Erico embarca para o país.

Durante esse período, o escritor viaja para mais de dez cidades estadunidenses, ministra diversas palestras sobre o Brasil, literatura e relações interamericanas em universidades e centros de ensino e educação, e se encontra com escritores, professores e figuras políticas brasileiras e norte-americanas, mas também de outras nacionalidades, como o escritor alemão Thomas Mann, o filósofo norte-americano James Feibleman, o romancista e dramaturgo britânico W. Somerset Maugham e o historiador da literatura e crítico literário britânico David Daiches¹⁰.

Vale observar que as funções de escritor, tradutor e editor, assumidas por Erico, eram funções que se fomentavam e foram capazes de moldá-lo como representante cultural, um agente político cultural, tanto mais se consideramos que ele já era um autor bastante conhecido e lido em um Brasil que nos anos 1940 abrigava 57% de uma população analfabeta (Candido, 2006, p. 116). Erico, assim, não falava para qualquer um, mas sim para aqueles que influenciavam a opinião pública e decisões políticas no

⁷ O reconhecimento como escritor se sobressai na esfera pública sobretudo após a bem-sucedida recepção do romance *Olhai os Lírios do Campo* em 1938.

⁸ A ocasião do convite é descrita por Erico Verissimo no primeiro volume de sua autobiografia *Solo de Clarineta* (1973, p. 276-277).

⁹ Posteriormente, Erico Verissimo tem mais duas estadias nos Estados Unidos: ainda durante a Política de Boa Vizinhança entre os anos de 1943 e 1945 – em que atuou também como professor visitante na Universidade de Berkeley na Califórnia – e, por último, entre 1953 e 1956, quando assumiu a direção do Departamento de Assuntos Culturais da antiga *Pan American Union*, hoje *Organization of American States* ou “Organização dos Estados Americanos” (OEA) em Washington D.C..

¹⁰ Esse itinerário, na narrativa de viagem, é organizado em uma primeira parte com capítulos que levam os nomes de 15 cidades visitadas, uma segunda parte em que os capítulos levam os nomes de 11 escritores e intelectuais com quem se encontra e, por fim, tem-se o capítulo “Diálogo sobre os Estados Unidos”, em que Erico dialoga com o interlocutor “Leitor” sobre aspectos políticos, sociais, econômicos, entre outros, relacionados ao país visitado.

Brasil. Representar o Brasil na Política de Boa Vizinhança era, ademais, representar essa elite letrada, além de oportunidade para construir pontes nas dinâmicas políticas internacionais.

Em rede

Em consideração aos aspectos aqui brevemente apresentados, cabe enfatizar que o ingresso de Erico em uma rede internacional de artistas e intelectuais se dá em especial graças à sua obra, logo, por meio de sua atuação como escritor. Aos 35 anos, portanto, já inserido em uma “rede em trabalho” ativa em âmbito nacional – ou segundo Bruno Latour (2012) em uma “*work-net*”¹¹ – Erico aceita o convite que lhe foi feito e passa a integrar oficialmente o tecer de uma rede mais ampla, a mesma em que o escritor Thomas Mann, aos seus 65 anos, já atuava.

O encontro com o já renomado escritor alemão – que em 1938 imigra para os Estados Unidos e cuja obra vinha sendo difundida no Brasil por meio da atuação e traduções de Herbert Caro¹² – está permeado em *Gato Preto em Campo de Neve* por sugestões ao real e ao ficcional.

Nesse sentido, a partir de uma análise atenta, é possível observar como Erico explora diferentes vozes e também sua própria por meio do tecer da narrativa de viagem, empenhado nas dinâmicas comunicativas que a definem. Assim, as relações entre política, história e literatura se entrelaçam de modo sofisticado em *Gato Preto* enquanto Erico justamente explora as características do gênero.

No âmbito dos Estudos Literários, trata-se a narrativa de viagem muito mais próxima do factual do que do ficcional. O próprio gênero narrativa de viagem pode ser desdobrado ou narrado em forma de diário. O romanista alemão Ottmar Ette (2001, p. 22), nesse sentido, destaca como é possível identificar na narrativa de viagem uma

¹¹ Segundo Latour (2012, p. 193), há aqui a contraposição à ideia de *Network*, que seria uma rede de trabalho estabilizada por intermediários: “[w]ork-nets nos permitiram avaliar quanto trabalho é necessário para lançar *net-works*: as primeiras como mediadores ativos, as segundas como conjunto estabilizado de intermediários.” Esses mediadores, além disso, transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam.

¹² Sobre o papel de Herbert Caro, talvez o maior tradutor de literatura em língua alemã no Brasil, como mediador intelectual do contato entre Erico Verissimo e Thomas Mann, ver “*Verlag Macht Weltliteratur*” (Soethe, 2014).

espécie de encenação do conhecimento, uma vez que é “[...] fundamentalmente aquela forma de escrever literária e científica, na qual o escrever de sua dimensão espacial, sua dinâmica e sua necessidade de movimento talvez se torne o mais ciente possível.”¹³

Ainda em diálogo com Ette (2001, p. 28), é no gênero narrativa de viagem que “literatura e ciência, teoria e prática unem-se em tais paisagens da teoria frequentemente do modo mais próximo”¹⁴, de forma que se identifica uma dificuldade em se definir a narrativa de viagem como gênero propriamente ficcional ou factual. Ou ainda, como o próprio Alexander von Humboldt apontou a respeito de seu *Cosmos*, de 1847, não é possível opor a dimensão e função científica à especificamente poética na narrativa de viagem. É nesse sentido, portanto, que Ette (2001, p. 34) vai indicar a necessidade de aprofundamento da investigação de tal gênero, definindo-o não como ficcional ou factual, mas como “friccional”. Nas palavras do romanista (Ette, 2001, p. 48): “a coordenação da precisão científica e da imaginação poética na narrativa de viagem deve ser seguida de aprofundamento em ponderações quanto à friccionalidade do gênero”¹⁵.

De acordo com a ideia de friccionalidade de Ette, a mera oposição realidade/ficção é superada no referido gênero e constrói-se uma forma híbrida, mas que não se apresentaria em forma de amálgama. Trata-se de uma oscilação que se apresenta na forma de encenação no gênero narrativa de viagem. Como define Ette (2001, p. 244-245): “fricção é um hibridismo encenado (conscientemente)”¹⁶.

Tais aspectos não nos parecem passar despercebidos por Erico Verissimo. Certo hibridismo do gênero, como veremos, foi explorado por Erico justamente na narração do encontro de que tratamos aqui.

Na cidade de Denver, na ocasião da “[r]ecepção em honra de Thomas Mann, na casa dos Feinberg [...]”, tem-se a seguinte fala do escritor alemão: “ – Mr. V.? repete

¹³ “[...] im Grunde jene Art des literarischen und wissenschaftlichen Schreibens, in dem sich das Schreiben seiner Raumbezogenheit, seiner Dynamik und seiner Bewegungsnotwendigkeit vielleicht am deutlichsten bewusst wird.” (Todos os trechos da obra de Ottmar Ette citados aqui foram traduzidos por mim)

¹⁴ “Literatur und Wissenschaft, Theorie und Praxis verbinden sich in derartigen Landschaften der Theorie oftmals aufs Engste”.

¹⁵ “[d]em Zusammenspiel von wissenschaftlicher Genauigkeit und dichterischer Einbildungskraft im Reisebericht soll vertieft in den Überlegungen zur Fiktionalität des Genres nachgegangen werden.”

¹⁶ “Frikion ist (bewußt) inszenierte Hybridität.”

o autor de ‘A Montanha Mágica’ – Sim. Lembro-me perfeitamente... Tínhamos um encontro marcado em Princeton. Não é assim?” (Verissimo, 1956, p. 407-408).

De acordo com o diálogo que abre o capítulo “Thomas Mann”, Erico situa seu leitor por meio da menção da obra que talvez tenha definido o escritor alemão como um dos escritores mais importantes do século XX, tanto mais se consideramos o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura por Mann em 1929, 5 anos após a publicação do conhecido romance. Além de situar seu leitor a respeito de Mann por meio da obra desse mesmo escritor, Erico o situa e também se situa nesta “rede em trabalho” por meio da menção à (Universidade de) Princeton, que acolhe Thomas Mann na chegada ao exílio em 1938. Os dois escritores, assim, não estão localizados em um ponto à parte do debate socialmente inserido, ou ao acaso em Denver, mas atuam em posições concretas e em instituições, seja como convidado do Departamento do Estado norte-americano – no âmbito de uma política específica –, seja como professor visitante de uma das Universidades mais importantes da costa leste dos Estados Unidos¹⁷.

A partir da posição de Erico e Mann neste espaço social e político – retomando as palavras de Said (2005, p. 11), “na interação entre a universalidade e o local, o subjetivo, o aqui e o agora” – temos o primeiro tópico da conversa: a ideia de (in)tolerância, tão central naquele contexto específico. De acordo com Verissimo (1956, p. 409), “[a]gora, entre goles de cerveja, ficamos [Erico e Mann] a falar mal do nazismo; por esse caminho chegamos à questão da tolerância. – Só admito uma intolerância - digo [Erico] - É a intolerância contra a intolerância. – Estou de pleno acordo - afirma Thomas Mann.”

A ideia de “intolerância à intolerância”, cabe destacar, pode ser localizada diversas vezes na obra e pronunciamentos de Erico. Trata-se, ademais, de compactuar com a ideia tão cara a seu tio João Raimundo ao compartilhá-la com o leitor. Como

¹⁷ A *Princeton University* está entre as oito universidades norte-americanas que compõem a chamada *Ivy League*, ou seja, está entre as oito universidades de maior prestígio dos Estados Unidos quanto ao nível de excelência.

É importante mencionar que em outubro de 1940 Thomas Mann dá início no rádio ao programa “*Deutsche Hörer*”, o que amplia ainda mais sua atuação no espaço público, para além das conferências presenciais que já realizava. A programação vai até 1943 e foi produzida pela BBC (*British Broadcasting Corporation*).

menção o escritor brasileiro em suas memórias (Verissimo, 1973, p. 174): “‘Velho amigo’ – costumava ele [João Raimundo] me dizer – ‘só há uma espécie de intolerância que me parece justa: é a intolerância contra a intolerância.’” Assim, o leitor tem em mãos já um entrelaçamento de discursos tecidos na narrativa de *Gato Preto*: agora a compreensão de João Raimundo é também a de Erico e de Thomas Mann.

Outro entrelaçamento pode ser observado quando os escritores tratam dos confrontos entre “instinto e intelecto”. Sobre isso, Mann (Verissimo, 1956, p. 412) menciona que “[a]legra-me a ideia de que dia virá em que havemos de condenar como magia negra, como produto desmiolado e irresponsável do instinto, toda arte que não seja controlada pelo intelecto.”

Tal consideração nos leva à ideia de artista como intelectual ativo, em contraposição à noção de “arte pela arte” ou mesmo da “torre de marfim”. Dessa forma, aproximam-se novamente os dois escritores quando Thomas Mann destaca a atitude do artista em vista do que ele chama de “nova humanidade universal” (Verissimo, 1956, p. 412): “A nova humanidade será universal; e terá a atitude do artista, quer dizer: reconhecerá que o imenso valor e a beleza do ser humano residem precisamente no pertencer ele a dois reinos, o da natureza e a do espírito.” E continua: “Não digo que a esperança para o futuro da humanidade repouse apenas nos seus ombros [da arte], mas antes afirmo que ela é a expressão de toda a esperança humana, a imagem e a norma de toda a humanidade felizmente equilibrada. [...] Arte é esperança.” Aqui, a atitude do artista – que se equilibra entre a natureza e o espírito – estaria representada na obra que, por sua vez, representaria a esperança para a humanidade no sentido de que fomentaria esta mesma atitude. Não se trata, então, de afirmar que a “arte é toda doçura e luz”, de que é apenas “vida”, mas sim de que o artista seria um “intercessor alado, hermético, lunar entre a vida e o espírito” (Verissimo, 1956, p. 412).

Identificamos aqui um certo vaivém de encontros discursivos. A passagem destacada dialoga com a última palavra e mensagem de *Gato Preto*, “esperança”, que, por sua vez, também se relacionará com considerações posteriores que serão feitas por

Mann (1988, p. 29) em ensaio publicado mais de 10 anos depois¹⁸, ou ainda quando consideramos que é essa justamente a mensagem proferida por Erico em todas as suas obras – segundo ele mesmo¹⁹ ou comprovada por meio da investigação de sua obra no âmbito da pesquisa²⁰.

Destacada brevemente a relação entre o artista, a arte e o mundo – com atenção voltada à dimensão comunicativa da literatura – podemos explorar ainda mais a interlocução dos escritores. O diálogo de Thomas Mann e Erico Verissimo em *Gato Preto* faz referência direta às ideias contidas na conferência intitulada “*War and Democracy*”²¹ proferida na cidade de Denver pelo autor alemão e da qual Erico participa como público antes de o encontrar pessoalmente na recepção na casa do rabino Feinberg na mesma cidade, de acordo com o que é descrito na narrativa de viagem.²²

Os temas liberdade e igualdade também vêm à tona no diálogo entre os escritores, bem ao encontro do trecho da palestra (Mann, 1982, p. 1038) em que o escritor alemão discorre sobre interesses nacionais e união²³, ainda em vista do contexto da Guerra em que se encontravam.

¹⁸ Segundo Mann, o artista é um crítico da sociedade, que, apesar de ser moral, “‘corrige’ o mundo de uma maneira muito diferente da que faz a doutrina moral [...] fortificando em palavras, e imagens e em pensamentos sua vida – e, num modo substitutivo, a vida em geral”.

¹⁹ O capítulo “Diálogo sobre os Estados Unidos”, que encerra *Gato Preto em Campo de Neve*, é finalizado da seguinte forma: “ – Com que palavra gostaria de encerrar este diálogo? – Com a mesma com que procurei sempre fechar os meus livros. – E qual é ela? – Esperança.” (Verissimo, 1956, p. 576)

²⁰ Na análise que apresento em minha tese de doutorado (Boechat, 2017), é possível observar como a ideia de “esperança” pode ser identificada como um *Leitmotiv* na obra de Erico Verissimo.

²¹ In: MANN, Thomas. *War and Democracy*. In: _____. *Tagebücher 1940-1943*. Fischer Verlag: Frankfurt am Main, 1982. p. 1036-1049. Erico provavelmente pode incorporar os trechos a partir de suas próprias anotações, já que o ensaio de Mann só foi publicado nos diários posteriormente.

²² Curiosamente, Erico não parece se entusiasmar muito nem com a palestra, nem com o escritor. Na narrativa de viagem (Verissimo, 1956, p. 405), temos: “Mesmo achando que Mr. Crammer no fundo talvez tenha razão, vou a conferência de Thomas Mann, no Auditorium, onde há dois ou três dias Guiomar Novais deu um triunfante concerto. Para uma plateia bastante numerosa, o autor da ‘Montanha Mágica’ fala sobre ‘Esta Guerra e a Democracia’. Seu inglês tem um forte sotaque germânico e a palestra não oferece o interesse que eu esperava. Thomas Mann, apesar dos sessenta e seis anos, metido no smoking, esbelto e empertigado, parece no palco um homem de menos de cinquenta. Fala com uma calma um pouco nervosa; e mal acaba de pronunciar as últimas palavras da conferência, sai de cena numa pressa de retirada, pois segundo me informam tem horror às interpelações que os auditórios Americanos costumam fazer aos conferencistas.”

²³ “What is, however, to be wished for is that the friends of freedom and humanitarianism everywhere in the world show a determination for standing together, for unification, for forming a super-national united front, equal to that of their devilishly disciplined enemies who are determined to do anything: particularly as this standing together would mean no betrayal of national interests, but on the contrary a defense of the homeland and of its freedom. It is this wish which has been briefly formulated in the words: ‘Union Now’.”

Segundo Mann (Verissimo, 1956, p. 413) em *Gato Preto*, a própria ideia de liberdade e igualdade – que são também as ideias básicas de democracia – pode parecer uma contradição lógica, já que a “liberdade é a necessidade do indivíduo, mas a igualdade é uma necessidade social, e a igualdade social evidentemente limita a liberdade do indivíduo”²⁴.

Por outro lado, o escritor alemão conclui ao final do diálogo com Erico (1956, p. 414) que

[n]ão haveria esperança para a humanidade se ela tivesse de escolher apenas entre a anarquia e essa extrema socialização que destrói a personalidade. A única solução repousa no conceito de um socialismo que sinta a democracia como o seu solo nativo e exija uma justiça igualitária em nome da liberdade. Em outras palavras: uma social-democracia.²⁵

A arte, além disso, que ainda segundo Mann deveria ser controlada pelo intelecto e não pelo instinto, também estaria situada nesse campo de compreensão política, assim como a atitude do escritor. A esse respeito, destacamos as palavras de Mann (1982, p. 1036) no início de sua conferência:

Recently, just when I began to prepare myself quietly for this address, a very dear friend of mine, an American, wrote to me without knowing of my intention, saying: “Don’t commit yourself, don’t talk about politics at the very present! Europeans should keep themselves entirely still in these days when our country is so apart.” [...] Not speak of political problems? But which are political problems and which are not? The times are long past when the world could be seen divided in special spheres, of which one was the political – a special sphere to which one needed pay no attention. [...] The question of the humanitarian conscience includes, however, the

²⁴ Tal apontamento dialoga diretamente com a seguinte passagem da conferência de Mann (1982, p. 1046): “It is a strange fact that the two basic ideas of democracy freedom and equality, form a certain contrast, a logical contradiction. For logically and absolutely considered, freedom and equality are mutually exclusive, just as the individual and society are mutually exclusive. Freedom is the need of the individual, but equality is a social need, and social equality, obviously, limits the freedom and the individual.”

²⁵ Tal trecho é quase a tradução da seguinte passagem da conferência (Mann, 1982, p. 1047): “Let me express the conviction that the only solution lies in the concept of a socialism that feels democracy as its native soil, and demands an equalizing justice in the name of freedom – in other words: of a *social democracy*.”

Cabe ainda mencionar que a ideia de humanidade universal dialoga, por sua vez, com a ideia de comunidade ilimitada de Pierce de que fala James Feibleman, filósofo com quem Erico também se encontra e a quem dedica um capítulo em *Gato Preto*. Trata-se de um tecer discursivo sofisticado. Assim como o filósofo, o artista poderia auxiliar no equilíbrio desta comunidade ilimitada, segundo Mann, e definir a atitude dessa nova humanidade. Segundo Erico (Verissimo, 1956, p. 412), a esperança no futuro não repousaria nos ombros da arte, mas ela seria “a expressão de toda a esperança humana, a imagem e a norma de toda a humanidade felizmente equilibrada”.

political problem [...] The political is no longer what it was – a problem for experts and incidentally for discussion material for beer-house dilettanti.

Segundo Thomas Mann, a necessidade de se falar em política, mas também a necessidade de se tomar a política como algo que tudo permeia, vai ao encontro mais uma vez da ideia de que o artista é sujeito político, e, portanto, a arte não pode estar isenta de aspectos políticos. E voltamos a Said: “[a] política está em toda parte”.

Como foi brevemente apresentado aqui, a movimentação, os deslocamentos entre pontos que constroem pontes e então compõem redes, são fundamentalmente uma movimentação discursiva. Além disso, a partir da análise atenta de *Gato Preto*, que nos leva a identificar a incorporação de trechos da conferência de Mann por Erico, o encontro factual entre os escritores já parece não ter mais tanta importância. O relevante aqui é que Erico se torna porta-voz da voz de Mann²⁶ e, dessa forma, o encontro discursivo entre os dois tecido na narrativa de viagem. Além disso, será dessa forma que o discurso de Mann será inserido no então contexto elitizado brasileiro – em grande medida também monolíngue, portanto que não teria acesso ao texto publicado posteriormente em inglês nos diários de Mann; público ávido por notícias sobre os Estados Unidos e a política panamericana²⁷. Basta considerar que *Gato Preto em Campo de Neve* vendeu antes do primeiro mês após seu lançamento uma tiragem de 10 mil

²⁶ Também no início do diálogo com Thomas Mann, Erico menciona ter recebido uma carta do escritor alemão lembrando-o sobre o encontro marcado em Princeton. Tal carta, porém, assim como qualquer indício de um eventual compromisso na cidade, não foram encontrados por mim no acervo de Erico Verissimo no Instituto Moreira Salles. Por outro lado, tem-se uma carta do autor ao seu tio Raimundo, em que menciona seu encontro com Thomas Mann e Somerset Maugham: “Anteontem conversei com Thomas Mann em Denver e estive com Somerset Maugham em Chicago há duas semanas.” In: VERISSIMO, Erico [Carta] 23 mar. 1941, [para] RAIMUNDO, João da Silva. Disponível em: IMS 067940.

²⁷ Em carta a Mr. Pattee, datada de 29 de dezembro de 1941, Erico Verissimo comenta o sucesso de vendas e também os efeitos provocados nos leitores, afirmando que verifica com alegria “que com meu último livro consegui muitos adeptos para o panamericanismo” e que havia sido muito sincero quanto às suas descrições dos Estados Unidos, atribuindo a esta sinceridade o sucesso da obra. Cf. VERISSIMO, Erico. [Carta] 29 dez. 1941 [para] PATTEE, Richard. Disponível em: IMS 069334.

Vale observar aqui, segundo Latour (2012, p. 65 e 118-119), que objetos também assumem o lugar de mediadores ativos em uma *work-net*.

A compreensão de Erico sobre a política norte-americana e o panamericanismo vai se transformando ao longo da carreira a partir de um posicionamento bastante crítico da parte do autor. Esse aspecto é também explorado por mim em minha tese de doutorado (Boechat, 2017).

exemplares, de modo que se imaginava que a vendagem viesse a ultrapassar 30 mil exemplares²⁸.

A inserção de Erico Verissimo nessa “rede em trabalho” internacional se potencializou a partir de seu ingresso na Política de Boa Vizinhaça estadunidense²⁹, também motivado pela esperança que o próprio autor naquele momento a ela vinculava, situando-o em consonância a outros intelectuais ativos, como Thomas Mann. Um olhar atento ao desenrolar de sua obra a partir daí, também à continuidade de sua atuação no espaço público, encontra, a nosso ver, no ano de 1956 um momento importante, uma vez que é quando Erico renuncia tanto a seu cargo na OEA quanto ao cargo de conselheiro editorial na Editora Globo, assumindo agora exclusivamente sua profissão de escritor ou, como se autodenominou, de “contador de histórias”.

Quem sabe seja também nesse momento da vida e da carreira de Erico que ele se mostre “incapaz de repousar seja onde for, constantemente em alerta contra as seduições do sucesso”, como bem menciona Said (2005, p. 64) ao referir-se a Adorno. Ainda em diálogo com Said (2005, p. 64): “o próprio Adorno, bem mais tarde na sua carreira, afirmou que a esperança no intelectual não reside no efeito que ele possa ter no mundo, e sim no fato de que um dia, em algum lugar, alguém vai ler o que ele escreveu, exatamente como escreveu.” Cabe ainda observar, por fim, que o “seu tempo”, “o aqui e agora” ao qual o intelectual pertence, não está isolado na história.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Fernanda Boarin. *O vaivém dum gato: interfaces entre ficção e realidade nas narrativas de viagem* Gato preto em campo de neve e A volta do gato preto de Erico Verissimo. 415 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

²⁸ No volume *O Contador de Histórias* (Chaves, 1972, p. XX) há um levantamento das impressões da obra *Gato Preto em Campo de Neve*: 10 impressões da primeira edição (até o ano de 1957) – contabilizando 43 mil exemplares – e uma impressão da segunda edição de 15 mil exemplares (em 1963), totalizando 58 mil exemplares até aquela data. Somente no ano da estreia do livro, em novembro de 1941, foram feitas duas impressões da primeira edição, uma de 10 mil exemplares e outra de 5 mil exemplares.

²⁹ Maria da Glória Bordini (2013, p. 89-90) faz apontamentos a esse respeito no artigo “A identidade do viajante: Erico Verissimo nos Estados Unidos”.

BORDINI, Maria da Glória. A identidade do viajante: Erico Verissimo nos Estados Unidos. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 5, n. 10, p. 77-91, 5. jul./dez. 2013. CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2006.

CHAVES, Flávio Loureiro. (Org.) *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

ETTE, Ottmar. *Literatur in Bewegung: Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Hubert & Co, 2001.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA, Bauru: EDUSC, 2012.

MANN, Thomas. War and Democracy. In: _____. *Tagebücher 1940-1943*. Fischer Verlag: Frankfurt am Main, 1982.

MANN, Thomas. O artista e a sociedade. In: ROSENFELD, Anatol. (Org.) *Ensaio: Thomas Mann*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

MICELI, Sérgio. A expansão do mercado do livro na categoria “ficção”. In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NEUNDORF, Alexandro. *A emergência da modernidade na França durante o Segundo Império: Das “Flores do Mal” de Baudelaire ao “J’accuse” de Zola*. 262 f. Tese (Doutorado em História) -- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. p. 187.

PAULINO, Sibeles; SOETHE, Paulo Astor. Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil: encontros e desencontros. *Pandaemonium Germanicum*, v.14, n.2, p. 28-53, 2009.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOETHE, Paulo Astor. Eine Begegnung in Denver: Thomas Mann, Erico Verissimo – und Herbert Caro als Überbringer. In: MÜLLER, Gesine. (Org.) *Verlag Macht Weltliteratur: Lateinamerikanische-deutsche Kulturtransfers zwischen internationalem Literaturbetrieb und Übersetzungspolitik*. Berlin: Walter Frey, 2014.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 29 dez. 1941 [para] PATTEE, Richard. Disponível em: IMS 069334.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 23 mar. 1941, [para] RAIMUNDO, João da Silva. Disponível em: IMS 067940.

VERISSIMO, Erico. *Viagem através da literatura americana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasil-Estados Unidos, 1941.

VERISSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. v. 1.

VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1985.

Fernanda Boarin Boechat é Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Letras-Alemão do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Belém. Concluiu o doutorado (2017) em Letras, linha de pesquisa "Alteridade, mobilidade e tradução" no âmbito dos Estudos Literários, pelo programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nesse período, fez estágio sanduíche na University of Pennsylvania e na Universität Potsdam. É líder do Grupo de Pesquisa "Mobilidades literárias: literatura e construções (inter)culturais" e vice-líder do Grupo de Pesquisa "COSMOS LITTERA". E-mail: fernandaboechat@gmail.com

Artigo recebido em 10/06/2025. Aprovado em 15/06/2025.